

“PHELIPPE GUERRA CONTRA AS SECAS”: INSTRUÇÃO SERTANEJA E AÇUDAGEM NAS CRÔNICAS DE UM POTIGUAR.

Francisco Ramon de Matos Maciel.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.
ymt_bbr@hotmail.com

Introdução.

Antes de tratarmos das narrativas das secas em Phelippe Guerra, serão necessários alguns apontamentos iniciais sobre nosso objeto. Primeiramente, pensamos a Seca como uma produção de práticas e discursos, ou melhor, uma *invenção da própria seca* por vários grupos sociais, da qual esse fenômeno climático – social passa agora (com a seca de 1877-1880) a fazer parte de um conjunto de imagens e signos que se modificam no decorrer do tempo, isto é, um objeto *imagético – discursivo*, onde forças atuam e se confrontam, e que a toma como *objeto de saber e poder*. Sua invenção foi graças a sua descoberta como um *problema*, que necessitava de respostas e soluções diferenciadas, concomitante aos anseios desses grupos dirigentes em cada contexto específico, preparando assim os meios necessários para prolongar sua exploração e dominação secular nessa parte do Brasil. “Seca, pois, invenção não apenas de palavras que calcinam, mas de palavras que dominam” (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 245).

As Secas são compreendidas nesse artigo também sob uma ótica da História Ambiental, pois, a experiência humana desenvolvida nesse fenômeno climático não está dissociada desse agente, como ainda, sofre restrições nesses episódios para ocorrer sua transformação em cada contexto e eventos. Assim o historiador Donald Woster, um dos representantes da nova História Ambiental, discorre acerca de três níveis ou domínios dos estudos dessa vertente historiográfica, que nos ajuda pensar a respeito das secas. Mas, afirma que esses três caminhos devem ser tratados como um *todo indissociável*, pois, quando a natureza muda, esse *todo* também se transforma, juntamente com as sociedades humanas. A primeira abordagem de estudo se trata da natureza, propriamente dita, *tal como se organizou e funcionou no passado*, desde os aspectos orgânicos e inorgânicos aos organismos humanos. O segundo aspecto refere-se ao domínio *sócio – econômico*, na medida em que o mesmo se relaciona com o ambiente.

O último nível de análise corresponde a um tipo de interação puramente mental ou intelectual, no qual valores, costumes, leis e outras manifestações de significações e subjetivações “se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza” (WORSTER, 1991, p. 202).

Outro pesquisador influente da História Ambiental é o brasileiro José Augusto Drummond. Ele fala a respeito das fontes utilizadas nessa linha de pesquisa, que podem ser tanto documentos *tradicionais* da história Econômica e Social. Por exemplo, censos (populacionais, econômicos e sanitários), inventários de recursos naturais, jornais, leis, atas legislativas e judiciárias, crônicas, quanto a livros de memória, tratados científicos, obras literárias e naturalistas, entre outras, pois nessas fontes se encontram referências e informações sobre conceitos, valores e usos atribuídos aos recursos naturais como também sua utilização pelos homens (DRUMMOND, 1991, p. 183 e 184). Assim Phelippe Guerra e seu livro *Seccas contra a Seca*, entram como um material fundamental para se discutir questões desse fenômeno climático e suas relações diretas com as sociedades humanas no espaço do Nordeste brasileiro. Por fim, vamos às falas do potiguar em sua obra.

Vida sertaneja e açudagem. Instrução e clima (secas) nas crônicas de Phelippe Guerra.

Phelippe Neri de Brito Guerra nasceu na Província do Rio Grande do Norte no município de Triumpho (que já foi chamada de Augusto Severo. Hoje é a cidade de Campo Grande) em 26 de maio de 1867. Filho do Barão Luis Gonzaga de Brito Guerra (27/09/1818 – 06/06/1896) e da Baronesa Josefina Augusto da Nóbrega, Phelippe Guerra formou - se bacharel em direito em 1890, exerceu cargo de deputado Estadual em 1891/92 e 1936, foi promotor público da cidade de Apodi, e juiz de Direito das comarcas de Caicó, Macau e Mossoró. Phelippe Guerra participou de outras atividades políticas e cargos públicos ao longo de sua vida, falecendo com seus 84 anos na cidade de Natal no dia 4 de Maio de 1951.

Voltaremos agora aos anos de 1909, que sua principal obra fora produzida. E é nessas páginas que encontraremos as narrativas entre o meio natural e o homem sertanejo no pensamento e sentimento desse autor do pequeno município de Triumpho.

Phelippe Guerra escreve na apresentação do seu livro que seu objetivo não é renome literário, mas, que seu propósito é trabalhar pela *propaganda da instrução da açudagem*. Assim, sua obra se estrutura a partir de artigos que obedecem a uma ordem

cronológica de suas datas de publicações (alguns oriundos dos jornais Diários de Natal e Commercio de Mossoró), como ainda, a parte histórica ou crônica, correspondem a manuscritos de seus familiares, entre eles, seu pai e irmão Theophilo Guerra.

Na primeira parte do livro Guerra narra, a partir dos manuscritos de seu bisavô paterno Manoel Dantas Corrêia, os caminhos percorridos por esse seu familiar na região do Seridó na província do Rio Grande, do qual seu clima, entre invernos e secas, fará parte da vida e costume sertanejos, dando movimentos à esfera sociocultural do lugar.

Na região do Seridó se encontraria na metade dos Setecentos e início dos Oitocentos um grande rio chamado Acauã. Comparado as virtudes do antigo Nilo no Egito, que seus períodos de seca trazem seu verdadeiro potencial de fertilidade ao solo, a Acauã no sertão do Seridó responderá a altura ao rio dos egípcios na província do Rio Grande na narrativa de seu bisavô, mostrando que as variações climáticas, entre secas e invernos, trazem benefícios e equilíbrios sócios – climáticos à região. “Foi naquelle anno que se descobriu e verificou neste rio Acauã, no Seridó, um novo Nilo; e mais vantajoso que o antigo Nilo

por que este para sua produção precisava que a enchente á altura de quinze côvados para que o precioso lodo que depõe pelos campos a fazer a fertilidade d’quelle continente; e o novo com poucas enxurradas com a polmosa água que em si traz uma espécie de poeira, e nella produz toda a sorte de sementes que nella se semeiam; tendo o antigo a primazia de ser insecável, e o novo pela natureza do sertão passa annos que não corre; e correndo que industrio e insano trabalho não He necessário se lucrar o que se plantou, já aguando a cabeça, até a planta profundar a raiz; já yigiando o pássaro e toda sorte de animaes que devoram os fructos.¹

Assim, Guerra comenta que para seu bisavô as “seccas nestes sertões são necessárias, muito principalmente dadas por uma sabedoria infinita que não pode errar, que tudo dispõe para bem de seus filhos. Vila da Acari, 15 de Junho de 1847”².

Continuando Phelippe Guerra traz notas sobre as histórias das secas no Estado do RN para enviá-las ao coronel Elias Souto, do qual muitas das informações foram extraídas de seu próprio pai, o Barão do Assú e do coronel Luiz Manoel. Essas *notas sertanejas* datam de começar do ano de 1840 e vão até 1908, contendo informações de cada ano e cada mês, suas variações climáticas (secas e invernos), como também narram aspectos sociais e econômicos de muitas cidades sobre os efeitos das grandes estiagens do século XIX e XX, exemplos Caicó e Mossoró.

Vejamos o caso de Santa Luzia (primeiro nome da cidade de Mossoró) na grande seca de 1877-79. “Para Mossoró e outros pontos do litoral retiraram-se as famílias acoissadas pela sêcca; todos andrajosos, famintos e na maior miséria vão perecendo pelas estradas”. O autor comenta que o governo geral tomou providências para reduzir os males enviando para a cidade recursos, mas que “pelo contrario vieram augmentar a calamidade, porque os famintos retirantes sabendo que alli distribuíam-se gêneros do governo, agglomeravam-se de tal forma e em tão grande numero que não tardaram epidemias”³.

O interessante é trazer Phelippe Guerra para o período das décadas finais do século XIX a início do XX, quando observava os fatores como a fome, falta de medidas administrativas na arrematação de mão – de – obra, a degeneração dos costumes e hábitos de trabalho dos sertanejos/retirantes, como sendo as causas primordiais na mortalidade da região nessas épocas de megas secas, ao invés de refletir sobre o sistema de distribuição, armazenamento e taxação de preços altos aos gêneros alimentícios pelas autoridades e grupos comerciais locais, numa espécie de economia de mercado que excluía a grande parcela da população necessitada nesse período, sem verbas para comprar sua mínima subsistência, além dos casos de corrupção sobre os recursos destinados aos socorros públicos, envolvendo comissões e grupos particulares⁴. O fragmento do texto mostra uma passagem sobre os preços dos gêneros alimentícios e sua distribuição no comércio no alto sertão, ainda tendo como meio de transporte o próprio retirante:

Em Mossoró existe ainda crecidissimo numero de retirantes, que continuam a ter a fome, e a morrer de bexigas que agora assolam com mais violência. Os viveres conservam-se por preços fabulosos: a farinha de mandioca custa 102\$000 o alqueire de 160 litros; o milho - 128\$ o alqueire; rapaduras, grandes, 64\$ o cento; feijão – 192\$ o alqueire; arroz em casca 7\$ por 15 kilos. Esses gêneros conservaram sempre esses preços, e eram conduzidos para os sertões, como Catolé, em cabeça de gente, recebendo cada individuo para transportar até alli, o peso de 30 kilos, distancia cerca de 190 kilometros, cerca de 32 leguas, a quantia de 4\$000⁵.

Na segunda parte do livro voltada para a discussão sobre *açudes e irrigação* quanto à *vida sertaneja*, Phelippe Guerra apresenta apontamentos que serviram para constituir o *oxigênio social* do período, abordando questões como a instrução popular e características da vida do sertanejo diante aos rigores das secas no Estado do RN.

O autor argumenta que é na açudagem, uma das mais simples e primitivas formas de irrigação, que se encontrarão as vantagens desse projeto, embora ainda estivesse “longe de apresentar a merecida aceitação como idéia, e a indispensável realização como medida reclamada por naturais e perniciosos fenômenos climáticos a corrigir”. Guerra prossegue que as circunstâncias da vida atualmente são outras, diferentes aos “moldes primitivos” de outrora dos costumes sertanejos. A riqueza da população não tem crescido em proporção às suas necessidades, pois, “as secas são obstáculo à regular expansão econômica”. Desse modo, para o autor a saída seria há “imperiosa necessidade de inculcar no espírito popular, salutar princípios de previdência, pois as crises são constantes e amígdalas”. E isso só seria alcançado por meio da açudagem e irrigação nos períodos de estiagens, “o que falta nas secas são terrenos com humidade capaz de produção: façamos esses terrenos”⁶. Porém, esses açudes aos olhos de Philippe Guerra, quando gerenciados pelo poder público, sejam comissões ou empreiteiros com título de obra pública, “tem sido sempre em nosso Estado, um desastre”. Talvez a melhor saída para o problema encontre-se na “aceitação da idéia de construção de açudes por parte de particulares, pois todos conhecem a causa daquele facto”⁷.

Para o bacharel em Direito, esse espírito de previdência, respondia aos princípios liberais e econômicos vigentes da época, e que deveriam se propagar na vida sertaneja em geral, ou seja, instruir a população para o desenvolvimento e progresso do Estado, e isso aconteceria veiculada a produção de grandes açudes e obras de irrigação para fixar o capital e a mão – de – obra barata nos períodos de escassez, ocasionado pelas secas na região. Portanto, haveria de empregar “vantajosamente o esforço e actividade, concorrendo para abastecer o mercado consumidor, evitando a saída dos pequenos capitães para outros Estados, donde não mais voltarão”. Por conseguinte, o capital fixado no meio sertanejo, “forçosamente, pelas necessidades econômicas e pela lei da divisão do trabalho, derramar-se-á novamente no mesmo meio, criando novas fontes de produção.”⁸ A açudagem, edificada na visão teleológica do autor sobre o sertão e sua gente, trará outras indústrias, que “virão, forçosa e necessariamente; como corollários, podendo, então, a nossa atenção ser chamada para vias de comunicação, complemento indispensável ao desenvolvimento sertanejo”⁹.

Na temática da *instrução dos sertanejos*, Phelipe ressalta acerca da deficiência desse aspecto no Estado do RN, juntamente com os problemas ocasionados pelas secas na região e a falta de instrumentos para combatê-lá, como os açudes. Aqui, observaremos alguns elementos que caracterizam esse sertanejo na perspectiva do autor, muito embora, que suas figurações, possam se estender para uma espécie de *padrão* da atmosfera racial nas primeiras décadas do século XX¹⁰.

Guerra traz em seu discurso imagens da relação intrínseca, entre costumes e normas que regem o comportamento humano, ou melhor, sertanejo, advindos de uma instrução da própria terra e clima da região semi – árida. Assim, o autor discorre que “não são pois, a preguiça, a indolência, a incúria, os factores do caracter econômico e social da população sertaneja. Dá-se uma espécie de educação tellurica e climaterica. É a terra, é o clima que traçam a norma agendi aos sertanejos”, logo, seu modo de “agir reflecte-se em todo o individuo, esses agentes – terra e clima – elaboram toda a população sertaneja”. Adiante, o discurso do autor vai intercala as imagens *negativas* do estilo de vida e instrução *climática – social* dos sertanejos com outras imagens raciais, agora aproveitáveis aos modelos do progresso e desenvolvimento do Nordeste: o sertanejo é antes de tudo um forte!¹¹

Entretanto, essas características sertanejas não só não indicam preguiça e indolência, como acabamos de ver, como também levam alguma cousa de útil e aproveitável a índole sertaneja. Habitados a lutar contra uma natureza hostil e a sofrer os seus rudes golpes, não se deixam vencer sinão quando lhes falham por completo os meios de subsistencia. [...] As forças da Natureza, muitas vezes contrarias a sua vida, não os amedrontam [...]. Desse phenomeno resulta acharam-se sempre corajosos em frente das forças naturaes. Si tivessem cultura espiritual, si fossem guiados, governados por pessoas capazes de estudar suas aptidões, educar suas energias, incutir-lhes ideiaes, seriam vencedores em toda linha¹².

Seu discurso ainda não se encerrou por aqui. Numa maneira de reforçar suas visões educacionais sobre o sertão, Phelippe Guerra repete seu pronunciamento feito na cidade de Caicó em 1903, ao instalar naquele município, um instituto de ensino. O autor começa então uma aula de retórica. Sei minhas senhoras e meus senhores,

quanta coragem, quanta tenacidade precisa o sertanejo a desenvolver para realização e consecução de sua vida social. O maior, o mais terrível e poderoso inimigo que hoje, como sempre, se nos apresenta em linha de batalha, é a Natureza, são os elementos contrários ao nosso desenvolvimento, oppostos pelo clima. A coragem, o heroísmo, que se desenvolvem sob mortífero fogo de um combate, encarnando a

morte entre uma chuva de ferro e de aço nada é em relação a coragem, ao heroísmo stoico precisos para affrontar a morte, a miséria, a desolação, sob a combinação da penúria, da esterilidade, da aridez, da estagnação de toda fonte de vida e de todo estímulo de ação. [...] A coragem sertaneja, forte e resignada, forjada em duras rochas e escaldantes areias temperadas pelas angustias, vencerá sempre onde se lhe apresente um adversário. [...] É preciso preparar o espírito desses futuros dominadores para que levem com a energia de seus braços, o ideal do levantamento de uma Pátria. Brasileira. [...] Sem a instrução, sem cultivo de espírito, sem o alevantamento de ideaes, tornar –nos –emos desarmados para a luta. Um povo inculto está condenado a ser vencido, a ser dominado pelo mais forte; o povo mais forte, hoje, é o que tem mais cultura, mais adiantamento, maiores e mais elevados ideaes. Somos ainda um povo inculto. A nossa instrução popular é nulla, completamente nulla, a ponto de envergonhar a nossos próprios olhos¹³.

Phelippe Guerra expõe em seu discurso muitos aspectos que constitui as imagens e pensamentos sobre a questão racial ao povo sertanejo nesse início do século XX. Esse *ideário* da instrução como ponte ao progresso, circulava a nível nacional como estadual nessa época. Seu posicionamento contra qualquer *cultura e instrução popular*, sendo essas consideradas *nulas e fracas*, que envergonham a quem os observa, não pode cultivar o *espírito* desse povo corajoso e forte dos sertões, que possuem em sua *índole*, as chaves para se tornarem os paladinos do desenvolvimento e progresso da Nação. Precisam eles nas palavras de Guerra de apenas *alguém* que os guiem para despertar seus *espíritos dominadores*, seus ideais e culturas, pois, as que possuem só os tornam incultos. Assim, esse autor se mostra parte de um conjunto de intelectuais brasileiros que buscavam interpretar as suas sociedades a partir de influências científicas estrangeiras, exemplo, os elementos do evolucionismo darwinista, quando em sua percepção um *povo inculto está destinado a ser vencido e dominado pelo mais forte*.

Não seria presunçoso de nossa parte, pensar esses paradigmas do progresso com grandes influências estrangeiras e de centros políticos no cenário nacional no período republicano¹⁴. Afinal, o que se desenrolava nesse contexto, era uma busca cada vez mais frenética, entre elites e oligarquias estaduais aos instrumentos do viver moderno (trens, cinemas, espaços públicos, Art Nouveau...), e esse *calço* da Modernidade, necessitaria de sujeitos instruídos aos seus parâmetros, ou melhor, aos seus sabores, odores e cadências sociais. Mas, a *experiência telúrica* sertaneja quanto ao próprio clima, eram os baluartes dessas mudanças para muitas instituições e elites econômicas – políticas do Norte.

É interessante trazer para a discussão sobre as características da tríade; *sertanejo* – *clima (seca)* – *instrução*, mencionadas a partir da interpretação de Phelippe Guerra, alguns apontamentos do geógrafo Yi – Fu Tuan e do filósofo Félix Guattari nos seus respectivos livros, *Topofilia* e *As Três Ecologias*.

O primeiro autor traz a seu modo o conceito de *topofilia*, esse, entendido como laços afetivos entre indivíduos e seus lugares, ou melhor, seu meio ambiente material. Mas, “estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão”. Desse modo, Tuan complementa sua idéia quando comenta que a resposta ao meio ambiente varia entre uma manifestação tanto *estética*, isto é, variar do “efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada”, como a resposta pode ser *tátil*, que oferece o deleite de sentir o ar, a água e a terra. Mas, para o autor, seria difícil expressar os sentimentos que temos para algum *lugar*, pois, “por ser o lar, o lócus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida”. Portanto, Tuan argumenta que a topofilia não é a emoção humana mais forte, embora, quando irresistível, “podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como símbolo” (TUAN, 1980: 107).

O filósofo Guattari já argumenta sobre as *três ecologias*, isto é, o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana que coexistem, mas, que estão passando por desequilíbrios, através de uma progressiva deterioração por meio dos avanços técnicos – científicos. Assim, “é a relação da subjetividade com sua exterioridade – seja ela social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva”. Em frente à incapacidade de apreender essa problemática pelas formações políticas e entidades executivas, Guattari comenta que apenas uma articulação “ético – política – a que chamo ecosofia – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões” (GUATTARI, 1990: 08).

Esses dois autores contribuem na reflexão sobre as figurações do homem sertanejo e sua relação com o seu meio ambiente, advindo de Phelippe Guerra em seu livro *Seccas Contra a Seca* da seguinte forma. Através das discussões como a coexistências das três ecologias (meio natural, relações sociais e subjetividade) e dos

laços afetivos e simbólicos que os homens mantêm com seu meio ambiente material, podemos delinear que as imagens representadas de Guerra, ou de todo um panteão de intelectuais brasileiros, mostra a interpretação desse sertanejo aos moldes de uma tradição *naturalista* e *realista* nesse período, que marcará profundamente a representação desses sujeitos, a partir das contradições e embates travados com seu próprio meio natural quanto na sociabilidade, nutrindo – se deles as condições necessárias (força, coragem, resistência) para tornassem um dos autênticos brasileiros como trabalhadores dispostos ao progresso da Nação.

Assim, pela relação entre sertanejo e seu meio natural, seja por meio dos sentidos, sentimentos ou no conjunto da sua subjetividade (cultura popular), vimos como esses elementos, tratados por Guattari e Tuan, se aproximam a interpretação e abordagem naturalista/realista de Phelippe e de sua própria época. Porém, para ocorrer mudanças e transformações a esse sertanejo aos paradigmas do progresso, será necessária uma equação que soma os ideais e cultura “superior” do período a perseverança e força da cultura telúrica sertaneja. As “únicas” de úteis a criação e invenção desse novo brasileiro, esse novo nordestino.

Considerações Finais.

Esse artigo deixa um grande número de passagens e questões que o livro proporciona, porém, essa obra e seu autor se apresentam como uma fonte histórica fundamental para se estudar os discursos e criação das secas no Rio Grande do Norte nos séculos XIX e XX. Assim as idéias de Phelippe Guerra se apresentam numa situada época da qual ampliam - se as discussões e correntes como o Naturalismo, Realismo e o Positivismo no cenário nacional, fazendo esse autor se preocupar com a interpretação e transformação da realidade social, cultural, política e econômica norte rio grandense. Desse modo, elementos como a instrução sertaneja, produção de grandes açudes e sistemas de irrigação fazem parte da apologia contra a seca no sertão potiguar, como também a própria subtração da educação telúrica e climática sertaneja, estão presentes nos argumentos de Phelippe Guerra em seu livro. Embora que na década de 1940, numa crônica documentada, Phelippe refletiria com outras propriedades alguns desses pensamentos, quando exerceu o cargo de juiz de direito na cidade de Mossoró durante a seca de 1915¹⁵. Mas essa já é outra história.

¹ GUERRA, Phelippe. GUERRA. Theophilo. *Seccas contra a Seca: seccas e invernos*. Audagem, irrigação. Vida, costumes sertanejos. 3º Ed. Fundação Guimarães Duque. Coleção Mossoroense. Vol. XXIX. Rio Grande do Norte. 1980, p. 5, 6 e 19. Um autor que trabalha o discurso regionalista seridoense, como um elemento estruturador de uma imagem identitária regional é Muirakytan Kennedy de Macêdo em sua dissertação “*A Penúltima Versão do Seridó*”: espaço e história no regionalismo seridoense. (Dissertação de Mestrado Defendida no Curso de Ciências Sociais). UFRN, NATAL (RN), 1998. Aqui, Macêdo apresenta os primeiros discursos da ocupação do espaço seridoense pelo avanço da pecuária na região e utiliza das narrativas de Manoel Dantas Corrêa, bisavô de Phelippe Guerra.

² GUERRA, Phelippe. GUERRA. Theophilo. Op. Cit. p, 24.

³ GUERRA, Phelippe. GUERRA. Theophilo. Op. Cit. p, 38.

⁴ Uma obra relevante que se insere na discussão sobre história ambiental e a temática das secas é a do urbanista e sociólogo Mike Davis em *Holocaustos Coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do terceiro mundo*. Editora Record. Rio de Janeiro. 2002. 488p. Nesse livro o autor abordará a história, a climatologia e a teoria social para elaborar uma “ecologia política da fome”, que serviu de mecanismo para a compreensão da dinâmica no processo de construção hegemônica dos impérios britânicos e dos EUA no final do século XIX a início do XX, em frente à maioria dos países considerados do terceiro mundo. Seu livro argumenta que os genocídios acarretados nos períodos de extrema escassez pelas secas, como na Índia, China, África do Sul e Brasil, foram pautados e assegurados numa deliberada política imperial de dominação e opressão desses países, não tendo justificativas simplesmente aos fenômenos climáticos ocorridos nesses lugares. O que faltou foi uma política econômica e social mais justa e racional nesses eventos.

⁵ GUERRA, Phelippe. GUERRA. Theophilo. Op. Cit. p, 39.

⁶ GUERRA, Phelippe. GUERRA. Theophilo. Op. Cit. p, 107, 108 e 111.

⁷ GUERRA, Phelippe. GUERRA. Theophilo. Op. Cit. p, 123.

⁸ GUERRA, Phelippe. GUERRA. Theophilo. Op. Cit. p, 111.

⁹ GUERRA, Phelippe. GUERRA. Theophilo. Op. Cit. p, 127.

¹⁰ Obra que traz as idéias eugênistas e raciais através de instituições, intelectuais e da própria ciência nacional, no recorte temporal entre o final do Império a primeira República é a de SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹¹ Euclides da Cunha vai representar para o pensamento científico e jornalístico no início do século XX, com sua obra “*Os sertões*” um grande destaque nacional. O autor vai construir o mito da brasilidade sertaneja, a partir dos conflitos e contradições de suas próprias imagens sobre sertão, nação, ciência, civilização e natureza. Desse modo, o autor e obra, ambos inseparáveis, abre ao mesmo tempo uma produção científica preconceituosa sobre o sertão, mas, por outro lado, coloca ênfase na visão de brasilidade daquela gente, mestiça e esquecida no tempo e espaço, porém, autênticos. Um artigo que aprofundará em algumas dessas questões e sobre o próprio Euclides da Cunha é de OLIVEIRA, Ricardo. *Euclides da Cunha, Os sertões e a invenção de um Brasil profundo*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 511-537. 2002. Ver também o livro original, principalmente a parte I e II, a Terra e o Homem, CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 4ª Ed. São Paulo. Editora Martin Claret. Coleção a Obra Prima de Cada Autor. 2011.

¹² GUERRA, Phelippe. GUERRA. Theophilo. Op. Cit. p, 186 e 187.

¹³ GUERRA, Phelippe. GUERRA. Theophilo. Op. Cit. p, 187 e 188.

¹⁴ Um livro que traz as manifestações e impasses políticos, com as influências das idéias liberais e modernistas européias, atuando no que seria o “projeto republicano brasileiro”, ou seja, uma exclusão dos cidadãos na participação política é CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro que não foi*. São Paulo: Cia de Letras, 1987.

¹⁵ GUERRA, Phelippe. *A seca de 1915*. In: 11º Livro das Secas. Coleção Mossoroense. Vol. CCCV. 1985

Bibliografia.

Artigos.

OLIVEIRA, Ricardo. *Euclides da Cunha, Os sertões e a invenção de um Brasil profundo*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 511-537. 2002.

WORSTER. Donald. **Para Fazer História Ambiental**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 4º. Nº 8. 1991, p. 202.

DRUMMOND, José Augusto. **A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisas**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 4º. Nº 8. 1991, p. 183 e 184.

Livros.

ALBURQUERQUE JÚNIOR. Durval. Muniz de. *Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste*. In: *Nos Destinos de Fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife. Bagaço. 2008.

DIVES. Mike. *Holocaustos Coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do terceiro mundo*. Editora Record. Rio de Janeiro. 2002.

GUERRA. Phelippe. GUERRA. Theophilo. *Seccas contra a Seca: seccas e invernos. Açudagem, irrigação. Vida, costumes sertanejos*. 3º Ed. Fundação Guimarães Duque. Coleção Mossoroense. Vol. XXIX. Rio Grande do Norte. 1980.

GUATTARI. Félix. *As Três Ecologias*. São Paulo. Papirus. 1990.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TUAN. Yi – Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo. DIFEL. 1980.